

MANIFESTAÇÕES DA INTERTEXTUALIDADE E DA INTERDISCURSIVIDADE NO LIVRO *EVA*, DE WILLIAM PAUL YOUNG¹

MANIFESTATIONS OF INTERTEXTUALITY AND INTERDISCURSIVITY IN THE BOOK *EVA*, BY WILLIAM YOUNG

Flávio Ferreira Marques²

flaviofrm@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Valfrido da Silva Nunes³

valfrido.nunes@garanhuns.ifpe.edu.br

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar e discutir a presença da *intertextualidade* e da *interdiscursividade* percebidas no livro *Eva*, do escritor canadense William Paul Young, lançado no Brasil pela editora Arqueiro em 2015. Para fundamentar o presente trabalho, direcionando-o para algumas categorias da Linguística Textual, utilizaram-se as contribuições de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Koch (2009a;b), Antunes (2010), Marcuschi (2009), dentre outros, especialmente no que se refere aos conceitos de *texto* e de *intertextualidade*; já para as categorias *discurso* e *interdiscursividade*, recorreu-se à Análise do Discurso Materialista, por meio dos estudos de Orlandi (2009), Ferreira (2001), Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009), entre outros. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, documental, descritiva, interpretativa e qualitativa (GIL, 2017; MARCONI; LAKATOS, 2017; SEVERINO, 2007) operacionalizada por meio da análise de trechos do livro *Eva* (YOUNG, 2015), cujos procedimentos visaram investigar as facetas intertextual e interdiscursiva da obra em tela. Quanto aos resultados, verificou-se que os objetivos propostos foram alcançados, confirmando-se diferentes tipos de intertextualidade na obra, em suas categorias de captação e subversão, bem como acerca da

¹ Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso e avaliado pelo(a) prof. Ms. Max Silva da Rocha (examinador externo – UNEAL) e pela profa. Ms. Karla Janaína Alexandre da Silva (examinadora interna – IFPE).

² Estudante do Curso de Especialização em Linguagem e Práticas Sociais (IFPE). Graduado em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

³ Doutor em Linguística (UFAL). Professor e pesquisador do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *Campus* Garanhuns; líder do GELPS – Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Sociais (IFPE/CNPq).

intratextualidade, por meio das obras *A Cabana* (YOUNG, 2008) e *A Travessia* (YOUNG, 2012); para o fenômeno da interdiscursividade, percebeu-se na narrativa literária em questão a presença de discursos relacionados à religião, à ciência, à hegemonia racial ou branca, dentre outros.

Palavras-chave: Intertextualidade. Interdiscursividade. Narrativa literária.

ABSTRACT

This article aims to present and discuss the presence of intertextuality and interdiscursivity perceived in the book *Eva*, by Canadian writer William Paul Young, released in Brazil by Arqueiro publisher in 2015. To support this work, directing it to some categories of the Textual Linguistics, the contributions of Koch, Bentes and Cavalcante (2012), Koch (2009a;b), Antunes (2010), Marcuschi (2009), among others, were used, especially with regard to the concepts of text and intertextuality ; for the discourse and interdiscursivity categories, the French Discourse Analysis was used, through the studies of Orlandi (2009), Ferreira (2001), Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho and Cavalcante (2009), among others. From a methodological point of view, this is a bibliographical, documentary, descriptive, interpretive and qualitative research (GIL, 2017; MARCONI; LAKATOS, 2017; SEVERINO, 2007), operationalized through the analysis of excerpts from the book *Eva* (YOUNG, 2015), whose procedures aimed to investigate the intertextual and interdiscursive facets of the work on screen. As for the results, it was found that the proposed objectives were achieved, confirming different types of intertextuality in the work, in their categories of capture and subversion, as well as about intratextuality, through the works *A Cabana* (YOUNG, 2008) and *The Crossing* (YOUNG, 2012); for the phenomenon of interdiscursivity, the presence of discourses related to religion, science, racial or white hegemony, among others, was perceived in the literary narrative in question.

Keywords: Intertextuality. Interdiscursivity. Literary Narrative.

1 INTRODUÇÃO

Ao escrever o livro *Eva*, o escritor canadense William Paul Young trouxe para sua obra alguns temas que são abordados e discutidos na sociedade ocidental. Dentre os temas por ele abordados está a questão do criacionismo na perspectiva religiosa e científica, uma vez que o autor procurou fazer uma junção de ambas. Se no campo das opiniões ou ideologias procuram-se meios e argumentos para explicar ou defender opiniões em relação ao tema, a categoria interdiscursividade, junto com a intertextualidade, pode ser uma forma produtiva de lançar um olhar para o problema, ou seja, observar como se materializam discursos a partir do texto de uma obra literária, de modo a refletir sobre a complexidade do fenômeno da linguagem humana.

E foi desse modo que fez William Paul Young, em seu livro *Eva*, lançado em 2015 no Brasil pela editora Arqueiro, pois colocou em seu livro discursos que estão presentes em nosso meio social e, assim, com a intertextualidade e a

interdiscursividade, conseguiu trazer novas abordagens para o tema, trazendo também outros diversos assuntos como forma de reflexão. Ao realizar a leitura do livro em questão, foi possível identificar diversos pontos intertextuais e interdiscursivos presentes na obra, sendo alguns deles apresentados no presente artigo, conforme se verá nas análises.

A partir de pesquisas realizadas, pudemos notar que essa junção da intertextualidade e da interdiscursividade em uma mesma pesquisa é um tanto escassa, com abordagens e objetos de análise diferentes, dentre os quais destacamos dois trabalhos. O primeiro trata de *Intertextualidade e interdiscursividade em “Na arca: três contos inéditos do gênesis”, de Machado de Assis* (PROENÇA, 2009), no qual o autor explica que a intertextualidade é algo importante no vínculo entre a escrita de Machado de Assis para com a obra citada e os materiais literários utilizados como fonte intertextual – a bíblia – e a intertextualidade e a interdiscursividade no sentido de uma diálogo entre culturas diferentes e problemas sociais existentes no período.

Já o segundo estudo, intitulado *A charge: intertextualidade e interdiscursividade presentes em sua construção* (AZEVEDO, 2017), aborda uma análise referente às redes sociais relacionadas a organizações de materiais escritos/visuais para protestos, procurando apreender os sentidos e evidenciar as categorias da intertextualidade e da interdiscursividade na construção das charges. Durante a elaboração do presente artigo, até onde pudemos pesquisar, não foi identificado nenhuma pesquisa/artigo que utilizasse o livro *Eva* como objeto de análise, o que, por si só, justifica a presente pesquisa.

Portanto, a partir dos diversos discursos que são atravessados por e estão relacionados a outros discursos, se faz possível a criação de uma narrativa literária, por exemplo, sobre determinado tema, entrecruzando a intertextualidade e a interdiscursividade – que são constitutivas da própria linguagem –, trazendo reflexões e possibilidades de novas abordagens sobre as quais diversas pessoas poderão ter acesso por meio da literatura. Nesse sentido, partindo das considerações acima, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: *de que maneira os fenômenos da intertextualidade e da interdiscursividade se manifestam no livro Eva, de Willian Paul Young?*

Em relação ao objetivo geral, procurou-se investigar como as noções da intertextualidade e da interdiscursividade se manifestam no livro *Eva*, de Willian Paul Young. Em termos específicos, a pesquisa buscou: (i) identificar trechos do livro que remontam a outros textos (intertextualidade), seja de forma explícita ou não; (ii) analisar discursos que emanam da narrativa literária em sua construção sócio-histórica (interdiscursividade), a partir de pistas da materialidade textual; e (iii) estabelecer uma relação entre a intertextualidade e a interdiscursividade, analisando de que maneira elas se imbricam e contribuem para a construção da narrativa.

Do ponto de vista teórico, o presente estudo mobiliza categorias advindas da Linguística textual, especialmente os conceitos de *texto* e de *intertextualidade* (KOCH, 2009a; KOCH, 2009b; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012), em diálogo com a Análise do Discurso Materialista, particularmente por meio das noções de *discurso* e de *interdiscurso* (ORLANDI, 2009; FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009), sustentando que, mesmo sendo lugares teóricos distintos, não há como se conceber um sem o outro.

Isso posto, o presente artigo está organizado em cinco seções, a saber: 1. a presente introdução; 2. os fundamentos teóricos, que discutem texto, discurso, intertextualidade e interdiscursividade; 3. a metodologia, em que se apresentam a constituição do *corpus*, a técnica da pesquisa e os procedimentos de análise; 4. os resultados e discussão, quando apresentamos as análises de passagens do livro *Eva* referentes à intertextualidade e à interdiscursividade, em busca de uma síntese dos entrecruzamentos intertextual-interdiscursivos; e 5. as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordaremos o texto como unidade básica da interação – seguindo com algumas considerações referentes a noções da intertextualidade – e o discurso como prática social – tecendo também algumas observações relativas a categoria da interdiscursividade –, além de procurarmos explicar a abordagem que a pesquisa se propôs a adotar: a inter-relação do texto com o discurso e, conseqüentemente, da intertextualidade com a interdiscursividade, já que, a nosso ver, esses construtos não podem ser vistos de forma dicotômica.

2.1 O texto como unidade básica da interação

Podemos considerar o texto como uma construção interacional que envolve diversos fatores (cognitivos, sociais, intencionais, históricos); isso pressuõe o sujeito como autor de toda a ação. Retomando Beaugrande (1997), Koch (2009b, p. 9) considera o texto como “[...] um lugar de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. No livro *O texto e a construção de sentidos*, Koch (2009a, p.11) explica que o texto é o resultado de uma tarefa, para a qual alguns autores alemães chamam de “Sprachileches Handelm” (ação linguística ou ato linguístico), em que o termo “Handelm” atribui-se a “todo tipo de influência consciente, teleológica e intencional de sujeitos humanos, individuais ou coletivos, sobre seu ambiente natural e social.” O conceito de texto pode variar, assim, de acordo com as diferentes abordagens sobre língua e sujeito. Koch (2009b, p.16-17) explica que, na abordagem da língua “como representação de pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de dizer”, o texto é visto somente como uma materialização do pensamento do locutor, cabendo ao leitor ou ouvinte descobrir ou entender esse pensamento. Na abordagem da língua como código e do sujeito como produto do sistema, o texto é apenas um produto de codificação (locutor/escritor) e decodificação (ouvinte/leitor). Já para a abordagem interacional da língua, “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação entre os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”. Em suma:

O texto é, assim, considerado uma atividade interativa, dinâmica, e o contexto é parte constitutiva dos textos, o espaço onde dialogam sujeitos agentes, em que indivíduos selecionam e articulam elementos linguísticos, fazem uso de seus conhecimentos de mundo, significam e ressignificam, constituindo a representação da realidade (OLIVEIRA, 2021, p. 6).

É nesse sentido que Koch (2009b, p. 30) diz que “o produtor do texto pressupõe da parte do leitor/ouvinte, conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos, e orientando-se pelo Princípio da Economia, não explicita as informações redundantes”. E, para concluir este tópico, Antunes (2010, p. 37) parece concordar com as considerações de Koch a respeito do conceito de texto, ao afirmar que “O texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual”. Por fim, a contribuição de Marcuschi (2009, p. 35), ao explicar de que modo a Linguística Textual “trata” o texto, parece abarcar as considerações das autoras elencadas acima, ao defender que “a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas”, tal como a entendemos neste trabalho.

2.1.1 Algumas considerações sobre intertextualidade

Considerando o texto como o lugar de interação que se dá na tríade autor-texto-leitor, convém destacar que alguns parâmetros são fundamentais para a sua constituição, tais como a situacionalidade, a informatividade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a coerência, a coesão e a intertextualidade. Para a noção de intertextualidade, se faz necessário conhecer, de forma breve, o surgimento do termo. A palavra intertextualidade aparece pela primeira vez nos anos 60, a partir de estudos da crítica literária francesa Júlia Kristeva. Assim, essa autora, “responsável pela introdução na década de 1960, com base no postulado do dialogismo bakhtiniano, concebe cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 9).

As autoras explicam que, para estudar a intertextualidade, é preciso atentar-se ao conceito de texto, pois o mesmo não é observado da mesma maneira nas diversas teorias existentes⁴. Logo, trazemos a que julgamos mais pertinente, que toma o texto como objeto de estudo, ou seja, a Linguística Textual, conforme discutimos na seção anterior. Dessa forma, partindo para a relação entre texto e o conceito de intertexto, e ressaltamos que “todo texto é, portanto, um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 15).

De acordo com as autoras, a intertextualidade pode ser alocada em duas categorias: a intertextualidade *stricto sensu*, caracterizada pela presença de intertextos em textos e enunciados, e a intertextualidade *lato sensu*, sendo esta uma “intertextualidade ampla, constitutiva de todo e qualquer discurso”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 10). Nas análises quanto à questão da intertextualidade presente em *Eva* (YOUNG, 2015), percebe-se que a intertextualidade pertence às subcategorias da intertextualidade *stricto sensu* de modo implícito, a começar pela intertextualidade temática. Acerca disso, compreende-se que

⁴ Para a Análise do Discurso Materialista, segundo Indursky (2017) o texto é “um objeto não – acabado, aberto a exterioridade, objeto heterogêneo [...] apresenta relações com a intertextualidade e a interdiscursividade”

A intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, [...] entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários de gêneros e estilos diferentes, (temas que se retomam ao longo do tempo) [...]. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 18).

De fato, a intertextualidade temática se manifesta na obra em análise, pois vários temas sociais são abordados no livro como crime de tráfico humano, uso de drogas, depressão (no livro denominada como doença das sombras, projeção de consciência – conhecida como experiência fora do corpo), dentre outros. Mais especificamente nos capítulos 12 (“Seis dias”) e 13 (“O nascimento de Eva”) do livro, os quais foram objetos de análise no que tange à intertextualidade, o autor procurou unir ciência, religião e culturas ancestrais.

Também foi identificada na obra, particularmente nos capítulos 12 e 13 já mencionados, a intertextualidade implícita por captação (recuperação do texto fonte) e por subversão (versão diferente do texto fonte, mas partindo de sua ideia, abordando de uma nova forma, por exemplo). No caso da intertextualidade implícita com valor de subversão:

a ‘descoberta’ do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido. Por serem fontes de intertextos, de maneira geral trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação pela mídia, [...], assim como provérbios, frases feitas, ditos populares, etc., tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam, em geral, ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual – embora evidentemente não haja nenhuma garantia de que isso venha realmente a acontecer. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 32).

Há também a presença da intertextualidade categorizada como intratextualidade, considerada como “um caso particular de intertextualidade” (PROENÇA, 2009, p. 42). Dito de outra maneira, a intratextualidade refere-se à ação em que o autor cita em seu trabalho atual, seja de forma alusiva ou explícita, trechos de suas obras anteriores.

Percebemos, por conseguinte, que as análises referentes à intertextualidade permitem também uma reflexão acerca do papel do escritor/autor e seu trabalho envolvendo esse fenômeno. Nas palavras de Koch e Elias (2009, p.101), a abordagem do tema do ponto de vista do escritor leva em conta “o ‘manuseio’ de textos ou as ‘complexas performances intertextuais’ [...] que o escritor realiza do ato da escrita, muitas vezes sem se dar conta disso”. Quanto ao leitor, o esperado é que este acesse ou processe seu conhecimento em relação a textos afins da temática exposta para se aproximar “do efeito de sentido objetivado pelo autor” (KOCH; ELIAS, 2009, p.117).

É inegável, portanto, que a intertextualidade é uma categoria de grande relevância para a construção de sentidos. Sem dúvida, “a construção da intertextualidade, longe de ser gratuita é estratégica e, por conseguinte, revestida de finalidade e de significações” (KOCH; ELIAS, 2009, p.130). Podemos concluir, em resumo, que “o papel da intertextualidade na composição de novos textos, na articulação entre textos de ordens distintas e na relação entre enunciadores viabiliza a construção dos sentidos” (OLIVEIRA, 2021, p. 6).

2.2 O discurso como prática social

O conceito de discurso, assim como o de texto, não é epistemologicamente unânime, já que varia de acordo com a perspectiva teórica que o fundamenta. É com essa concepção que se fala, no meio acadêmico, em Análise Dialógica do Discurso, Análise Crítica do Discurso, Análise Semiolinguística do Discurso, Análise do Discurso Materialista e assim por diante. No caso deste artigo, ele se filia à esta última perspectiva, em diálogo com a Linguística de Texto (LT), enquanto estudos voltados a intertextualidade. Dias (2017) *apud* Fiorin (2012) diz que “o texto é a manifestação de um discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é por implicação, interior a ele”. Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 24), citando Pêcheux (2002, p. 45), explicam que, na visão desse autor, não se pode confundir o discurso com língua, fala e texto, pois o mesmo é “acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória [...]. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas”.

Partindo desse pressuposto, Orlandi (2009, p. 20) explica que há uma desigualdade entre o entendimento sobre discurso e sua diferença quanto à organização dos elementos que definem a questão da mensagem. A autora explica que, para o aspecto da comunicação, a mensagem funciona como um processo de transmissão, partindo do emissor para o receptor, sendo “a mensagem formulada em um código referido a algum elemento da realidade – o referente” (ORLANDI, 2009, p. 21). Ela explica ainda que a comunicação/mensagem não é algo linear, como um processo no qual o emissor envia uma mensagem, o receptor a recebe e a decodifica por meio da linguagem. Nesse sentido, tanto o emissor como o receptor

[...] estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação [...] Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção de realidade etc. (ORLANDI, 2009, p. 39).

Nessa mesma direção, Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 63) consideram o discurso como práxis, em que o mesmo é realizado “nas relações sociais, em determinado momento histórico, pelas necessidades impostas na produção e da existência humana, traz em si o histórico e o ideológico, próprios a essas relações”. Os autores citados afirmam também que o discurso é principalmente ideológico, pois o sujeito⁵ produz o discurso em um lugar social a partir de um posicionamento ideológico.

Partindo das considerações acima, podemos entender o discurso como prática social, visto que os sujeitos, ao elaborarem seus discursos e explaná-los, ao

⁵ Orlandi (2009, p. 46) diz que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se poduz o dizer”; já Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 43) explicam que “o sujeito é sempre o sujeito do seu tempo e de sua sociabilidade”, o qual é construído a partir das “práticas sociais e da ideologia que darão as bases do complexo psíquico do indivíduo”.

mesmo tempo reformulam o que já foi dito, contextualizando-os com suas práticas e ideologias, atribuindo-lhes sentidos. Além disso, todo o processo se dá a partir um determinado contexto histórico, em determinadas condições de produção e formações discursivas/ideológicas, dentre outros aspectos, atuando assim na interação entre os sujeitos em uma determinada formação social.

2.2.1 Algumas considerações sobre interdiscursividade

Para iniciarmos as considerações acerca da interdiscursividade, é interessante observar a reflexão sobre a questão do discurso ser ao mesmo tempo “velho e novo”, no sentido de que o discurso que já foi dito está presente de alguma forma no discurso atual. Dizendo de outro modo,

Nenhum discurso é absolutamente novo e todo discurso é, de alguma forma, novo. Nenhum discurso é absolutamente novo, porque, ao vir à luz, se serve de uma língua, de ideias e de valores já dados, nos quais se apoia. Todo discurso é, de alguma forma, novo, porque, para vir à luz, deve ser portador de uma informação ou de uma intenção nova, pois, caso contrário, seria dispensável. (PROENÇA, 2009, p. 37).

O discurso formulado traz em si alguns aspectos que contribuem na sua composição, estando assim em sua “interioridade”: as formações discursivas⁶, que podemos entender como uma materialização de um discurso a partir de uma determinada ideologia; as formações ideológicas⁷, que podem ser entendidas como práticas sociais de classes em conflito; ideologias⁸, que podem ser consideradas como símbolos/ideias/ideais, por meio das quais os sujeitos são assujeitados ou se assujeitam; e as condições de produção⁹, que envolvem o momento histórico em que o discurso está sendo produzido, em qual sociedade, contexto político e social etc.

Sobre a questão da interdiscursividade, é importante destacar que a noção de interdiscurso está introduzida na Análise do Discurso Materialista “como o que é falado antes, em outro lugar e como o que possibilita dizeres outros, convocados na história, ideologicamente marcados, que vão afetar os discursos produzidos pelo sujeito, em dada condição de produção” (FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009, p. 76).

⁶ Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 70) explicam que, segundo Pêcheux (1988, p. 160), as formações discursivas são “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada determinada pelo Estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]”.

⁷ Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 69), citando Haroche et alii (1971, p. 102), dizem que as formações ideológicas se constituem por “um conjunto complexo de atitudes e representações que nem são individuais, nem universais, mas dizem respeito às posições de classe em conflito”.

⁸ Orlandi (2009, p. 46) diz que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado pela ideologia para que se produza o dizer”.

⁹ Orlandi (2009, p. 30), por um lado, explica que as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Por outro lado, Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 65) dizem que a categoria condição de produção é fundamental na análise de um discurso, pois “precisamos concebê-la em seus dois sentidos: o amplo e o estrito. O primeiro, expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica. O segundo diz respeito às condições imediatas que engendram a sua formulação.”

Esses mesmos autores afirmam que “a presença do outro no entrelaçamento de vários discursos (interdiscurso) provindos de outro lugar é que abre possibilidades para novos efeitos de sentido que se concretizam no interdiscurso” (idem, p. 79) e assim podem ser materializados na escrita. Convém lembrar que o interdiscurso também está relacionado ao intradiscurso; a propósito, Orlandi (2009, p. 32-33), citando Courtine (1984), afirma que o interdiscurso está no âmbito do que já foi dito, enquanto o intradiscurso está no âmbito da formulação do que já foi dito, e podemos considerar também sobre o que ainda se vai dizer, ou seja, a organização sintagmática em um determinado momento específico. Como diz Ferreira (2001, p. 18), “o que está em evidência, no intradiscurso, é formulação de um discurso em uma realidade presente”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 78), remontando a Courtine (2006, p. 69), sustentam que “todo discurso concreto produzido por um sujeito no interior de uma formação discursiva está, portanto, dependente do interdiscurso que lhe é fornecido pelos elementos pré-construídos”, ou seja, pelos discursos anteriores que serviram de “base” para o novo discurso, seja reformulando, reafirmando, negando, dentre outros aspectos. É com essa visão que a presente pesquisa pretende olhar para o livro *Eva* (YOUNG, 2015).

2.3 Por uma abordagem intertextual e interdiscursiva da linguagem

No decorrer da presente pesquisa, procuramos observar pontos intertextuais e interdiscursivos presentes no livro *Eva* (YOUNG, 2015), e comprovamos que em uma obra literária, por exemplo, duas teorias distintas, com objetos de estudos distintos – a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD) –, podem ser mobilizadas de forma simultânea para fornecer dispositivos analíticos mais amplos à investigação. A linguagem, seja no aspecto de oralidade ou da escrita, traz em si questões intertextuais/interdiscursivas, cada qual em seu respectivo campo. Exemplificando, nenhum texto é inédito em sua totalidade, pois apresenta outros textos em sua composição, estejam eles explicitados no novo texto ou não, reformulados ou referenciados para atender às expectativas dos sujeitos. Isso se dá também para os discursos, porque ao discutirmos sobre determinado assunto, o mesmo não é algo novo, mas reformulado para atender novas perspectivas e contextos, como também não é dito da mesma forma duas vezes seguidas. Importante ressaltar as diferenças dos campos de estudos – LT e AD –; nesse sentido, Orlandi (2009) explica um dos pontos que diferencia a intertextualidade da interdiscursividade, embora ambas atuem nas relações de sentidos:

Se tanto o interdiscurso como o intertexto mobilizam o que chamamos relações de sentido [...] o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso. (ORLANDI, 2009, p. 34).

Nessa ótica, Orlandi (2009) explica dois tipos de esquecimento: o esquecimento número um, que está relacionado à ilusão de sermos os pioneiros ao dizer tal

discurso, por exemplo; e o esquecimento número dois, no qual podemos utilizar diferentes palavras ou expressões que contenham o mesmo sentido, “sem medo” por exemplo, podíamos dizer “com coragem” (ORLANDI, 2009, p. 35). Entendemos assim que, na intertextualidade, o esquecimento é algo de certa forma inexistente, visto que ela é realizada com uma determinada finalidade, e o “manuseio” de vários textos para compor um novo, pois a presença de outros textos em um só texto é algo relativamente consciente, na maioria das vezes, primeiramente por parte do escritor.

A junção das categorias intertextualidade e interdiscursividade em um trabalho de análise de uma obra literária, como no caso da presente pesquisa, por exemplo, a princípio pode parecer impossível ou, no mínimo, um tanto estranha. No entanto, trabalhos que envolvem as duas abordagens mostram que é possível trabalhar com ambos os fenômenos, visto que isso pode oferecer uma maior amplitude de observações e descobertas a partir do objeto de análise, abrangendo assim as questões de texto e discurso. A propósito

Em pesquisas desenvolvidas por Barros (2004), fenômenos de aproximação das formas de análise tanto do texto quanto do discurso revelaram ser possível um trabalho que considere um olhar mais amplo para o objeto criado, levando em consideração dois pontos de vista. (OLIVEIRA, 2021, p. 10).

O autor explica também que, mesmo que seja um risco optar pelo trabalho com duas teorias distintas, ocorre a possibilidade de conseguir resultados tanto em questões descritivas quanto interpretativas, pois os resultados específicos de ambas se entrecruzam para explicar a ocorrência do aparecimento das teorias abordadas no objeto de análise, e como ambas contribuíram também para a construção de sentidos e coerência na obra. Trazendo para o contexto do presente artigo, a questão de ordem descritiva remete-se à intertextualidade, a partir do levantamento das pesquisas realizadas no intuito de observar os possíveis textos/temáticas a que o autor do livro fez referência/alusão para construção de sua narrativa. Já a questão interpretativa está relacionada à interdiscursividade, ao observarmos os diversos discursos trazidos pelo autor no livro, interpretando-os a partir de uma análise que buscou perceber nos trechos analisados um viés social e histórico das temáticas discutidas. A partir dessas considerações, percebemos que no caso de *Eva* (YOUNG, 2015) há, sim, a presença da intertextualidade e da interdiscursividade, e que ambas as categorias foram materializadas pelo autor na escrita da obra, dando sentido e coerência ao texto.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada para compor o presente artigo caracteriza-se como bibliográfica¹⁰ e documental¹¹, quanto à finalidade; descritiva¹² e interpretativa¹³,

¹⁰ Marconi e Lakatos (2017, p. 33) explicam que pesquisa bibliográfica é um tipo de produção científica feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dentre outros.

¹¹ Severino (2007, p. 122) diz que, na pesquisa documental, “tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”.

quanto aos objetivos; e qualitativa¹⁴, quanto à abordagem, sendo operacionalizada por meio da análise de trechos/sequências discursivas do livro *Eva* (YOUNG, 2015). Por se tratar de narrativa literária, foi realizada uma (re)leitura do livro *Eva*, bem como leituras para embasamento teórico, tanto no campo da LT quanto da AD. No que se refere à intertextualidade, fizemos uma análise documental com materiais bibliográficos, quais sejam: o próprio livro *Eva* (YOUNG, 2015), a *Bíblia Sagrada* (2011), os livros *A Cabana* (2008) e *A Travessia* (2012) – ambos também de William Paul Young –, bem como pesquisas realizadas em materiais online. Quanto à interdiscursividade, foram realizadas análises de trechos de alguns capítulos do livro *Eva* (YOUNG, 2015), que se mostraram férteis para uma abordagem da construção sócio-histórica das temáticas levantadas.

Para efeito de contextualização, *Eva* (YOUNG, 2015) está dividido em 20 capítulos. No entanto, cabe destacar que, para as análises referentes à intertextualidade, foram selecionados mais especificamente os capítulos 12 e 13 do livro. O capítulo 12 – intitulado “Seis dias” –, refere-se a uma abordagem fictícia em relação aos acontecimentos ocorridos nos dias da criação do mundo, não só numa perspectiva religiosa, pois ao mesmo tempo o autor procurou fazer a união entre ciência, religiosidade e culturas antigas na narrativa. Além disso, utilizou-se um trecho do capítulo 13, cujo título é “O nascimento de Eva”, já que este, do ponto de vista intertextual, vai ao encontro de um trecho do primeiro livro do autor: *A Cabana* (2008). Em relação à interdiscursividade, foi feita uma análise a partir de trechos dos seguintes capítulos: capítulo 3 (“Lilly e a serpente”), capítulo 4 (“Segredos”), capítulo 5 (“O jardim de Deus”) e capítulo 10 (“A descida”), os quais apresentam discursos potencialmente analisáveis, sob uma perspectiva sócio-histórica, à luz da Análise do Discurso Materialista.

Portanto, a pesquisa guiou-se pelos seguintes procedimentos de análise: (i) identificação de trechos do livro que remontam a outros textos (intertextualidade), seja de forma explícita ou não; (ii) análise de discursos que emanam da narrativa literária em sua construção sócio-histórica (interdiscursividade), a partir de pistas da materialidade textual; e (iii) estabelecimento de uma relação entre a intertextualidade e a interdiscursividade, analisando de que maneira elas se imbricam e contribuem para a construção da narrativa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma visão panorâmica da obra, *Eva* (YOUNG, 2015) conta a história de Lilly, uma adolescente traumatizada, sendo a única sobrevivente entre doze adolescentes e um homem, a qual chega gravemente ferida a uma dimensão localizada entre dois mundos – o refúgio –, sendo encontrada pelo catalogador John. Nesse lugar, com uma tecnologia muito superior a que conhecemos, ela vai sendo curada; nesse processo de cura descobre que foi escolhida para ser “a testemunha

¹² Gil (2017, p. 28) explica que “Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa.”

¹³ Estamos entendendo pesquisa interpretativa como aquela que busca entender um determinado fenômeno a partir dos significados que as pessoas atribuem a ele.

¹⁴ Compreendemos abordagem qualitativa de pesquisa como aquela que não recorre a números, dados estatísticos ou quantificações, mas fundamenta-se essencialmente num olhar interpretativista do pesquisador a partir de categorias de análise fornecidas pela teoria de base.

dos inícios”, e que Eva –ou “mãe Eva” – irá acompanhá-la em boa parte dessa missão. Lilly será capaz de não só testemunhar, mas também de interferir em algum acontecimento, conhecendo, vendo e até dialogando com os personagens inerentes à narrativa (Deus, anjos, Adão, Eva, serpente), e presenciando todos os acontecimentos relativos à criação, desde o primeiro momento até a queda do homem, quando este virou a face para Deus, surgindo assim o primeiro pecado. Ela presencia também a vida de Adão e Eva muitos anos depois da “expulsão do paraíso”, se bem que no livro conhecemos um outro lado dessa história, que não significou necessariamente uma expulsão, segundo a narrativa. Na obra, o autor “misturou” ciência, religião e também mitologia ao fazer uma alusão à personagem mitológica Lilith, por exemplo. O livro traz uma abordagem mais humana da personagem Eva, tirando aquele peso de que ela foi a responsável maior pela desobediência de Adão. O autor traz uma nova perspectiva de uma história há muito conhecida, especialmente nas culturas cristãs.

Quanto às análises, conforme já exposto na metodologia, elas se ramificam em duas facetas: uma que aborda a análise intertextual e outra que foca a perspectiva interdiscursiva. Começando pela primeira, reiteramos que os capítulos que subsidiaram as análises, nesse nível, foram o 12 (“Seis dias”) e o 13 (“O nascimento de Eva”).

4.1 Análise intertextual em *Eva*

Nesta etapa da pesquisa, realizamos as análises de cunho intertextual, relacionando trechos de *Eva* (YOUNG, 2015) a outros textos com os quais o autor dialoga, tais como os livros do mesmo autor, *A Cabana* (YOUNG, 2008) e *A Travessia* (YOUNG, 2012), bem como o início do livro do Gênesis (BÍBLIA, 2011). Relacionamos também com materiais e artigos pesquisados na *internet* sobre as temáticas que apresentam relação intertextual com o livro em discussão (CESAR, 2013; dentre outros).

Fig. 1 – Relato do primeiro dia da criação

“Grandes quantidades de matéria chocavam-se contra o caos, liberando fagulhas de poder que criavam espaço, energia e tempo. Tudo isso diante da presença e dos aplausos de seres espirituais”.

Fonte: Young (2015, p. 133-134).

Quanto a essa questão do “choque de matéria contra o caos, criando espaço e tempo”, identifica-se aqui a intertextualidade em alusão à teoria científica que explica a criação do universo: o Big Bang. Em um estudo realizado pelos alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora, César (2013, online) explica que a teoria do Big Bang é uma das mais aceitas pela ciência sobre a origem do universo, onde o mesmo, segundo a teoria originou-se a partir de uma grande explosão, a partir de um pequeno material quente e “extremamente denso”, dando origem assim ao espaço tempo.

Portanto, vê-se que há um diálogo entre *Eva* (YOUNG, 2015) e a teoria científica do Big Bang. Vejamos outro fragmento.

Fig. 2 – “Tarefas de uma testemunha”

“Lilly não estava ali para entender, medir ou censurar, mas para ouvir, ver e sentir; as tarefas de uma testemunha. Como ela poderia compreender luz, energia, seres espirituais e dobras que formavam camadas entre força e matéria? Como sua mente poderia assimilar os mistérios de cordas quânticas, quarks e múltiplas dimensões? Era impossível, e não importava”.

Fonte: Young (2015, p.134).

Mais uma vez, o autor faz referência a aspectos científicos, citando termos próprios das ciências da natureza. A respeito do termo corda quântica (ou Teoria das Cordas), um estudo publicado no *site* Brasil escola pela graduanda em física Mariane Mendes Teixeira explica que, segundo a teoria das cordas, “os quarks são formados por pequenos filamentos de energia semelhantes a pequenas cordas vibrantes [...] vibrando em diferentes padrões, com frequências distintas, produzindo as diferentes partículas que compõem o nosso mundo” (TEIXEIRA, s.d., *online*).

Importante salientar que, por enquanto, os estudos referentes a essa teoria ainda estão em fase de testes. Quanto à questão das “múltiplas dimensões” e “quarks”, estes fazem parte de uma teoria que também aborda a questão das dimensões, se bem que hoje as mais conhecidas são as dimensões espaciais (altura, largura, profundidade, tempo). No entanto, essa mesma teoria defende que existam mais sete dimensões. Passemos a um outro exemplo.

Fig. 3 – “Um novo mundo”

“A Testemunha flutuava sobre o casulo de um novo mundo, um deserto sem vazio e forma, envolto por um dossel de poeira – resquícios de estrelas e gases. Lilly não conseguia ver, mas ouvia e sentia a pulsação lenta das asas do Espírito [...]”.

Fonte: Young (2015, p. 134).

Podemos perceber na figura 3 a intertextualidade com o livro do Gênesis, capítulo 1, versículos 1-2, em que está escrito: “1 No princípio, Deus criou o céu e a terra. 2 A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas”.

Ainda se tratando dos acontecimentos relativos ao primeiro dia, no capítulo 2 (“Inícios”), na página 20 do livro *Eva*, há uma breve abordagem a respeito dos acontecimentos do primeiro dia, e nessa página pode-se identificar uma intertextualidade em forma de alusão:

Fig. 4 – “Três vozes”

“Ela se sentiu maior que uma galáxia e menor que a mais ínfima partícula. Tudo à sua volta se dilacerou e se recompôs novamente. Uma onda de vozes se ergueu, envolvendo-a numa explosão de fragrâncias. Ao redor de tudo, ecoavam três vozes – que, ao mesmo tempo, eram apenas Uma”.

Fonte: Young (2015, p. 20).

Nesse sentido, podemos supor que a personagem está se referindo à Trindade (para o Cristianismo, o termo se refere à doutrina que define Deus como três pessoas consubstanciais: Pai, Filho e Espírito Santo). No exemplo acima, podemos perceber também a presença da intertextualidade implícita enquanto aspecto de subversão, pois William P. Young baseou-se em textos originais e diversos – dentre eles a Bíblia Sagrada – para construir a sua versão da narrativa referente ao primeiro dia da criação.

No livro *A travessia*, o autor também traz uma abordagem que remonta aos inícios, semelhante à abordagem do livro *Eva*, mesmo que no caso daquele seja em um contexto diferente, como podemos observar a seguir:

O mistério de cada alma humana, até mesmo da de Anthony Spencer, é profundo. Seu nascimento desencadeou uma explosão de vida, um universo interno em expansão, formando seu próprio sistema solar e galáxias, com uma simetria e uma elegância inconcebíveis. (YOUNG, 2012, p. 15).

Aqui percebemos a presença da intertextualidade em forma de alusão “intratextual”, ou mesmo uma intertextualidade temática, visto abordar o tema criação, embora em uma perspectiva diferente. Vejamos os excertos relativos ao “segundo dia da criação”.

Fig. 5 – Relato do segundo dia da criação

“A luz do primeiro dia havia penetrado as profundezas do oceano, despertando novas canções no fundo das águas”.

Fonte: Young (2015, p. 134).

No livro do Gênesis (Gn 1:6-8) e em *Eva* há uma semelhança em relação às águas, sendo assim uma intertextualidade temática. O texto babilônico Enuma Elish, referente à criação, na abordagem sobre as águas vai ao encontro do livro do Gênesis, como diz Pontes (2010, p. 58): “No Enuma Elish águas doces e águas salgadas ainda estão intimamente confundidas, o que nos lembra o caos que depois vem a ser transformado em cosmo na obra da criação”. O caos ao qual o autor se refere é que, segundo o mito babilônico, o universo primitivo teria surgido a partir “da confusão de águas personificadas pelo casal divino Apsul e Tiamat”.

Fig. 6 – Relato do terceiro dia da criação

“Com um floreio, o Artista da Criação pintou a arrebatadora paisagem do planeta”.

Fonte: Young (2015, p. 134).

Em Gênesis, capítulo 1, versículo 11, encontramos: “11 Deus disse: ‘Que a terra produza relva, ervas que produzam semente, e árvores que deem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente, cada uma segundo a sua espécie’. E assim se fez”. Vê-se, portanto, que a metáfora do autor dialoga com o texto bíblico.

Koch e Elias (2009, p. 107) explicam que, muitas vezes, há uma facilidade do leitor identificar o texto-fonte utilizado pelo autor, pois, “de fato, no papel do leitor, facilmente identificamos o texto-fonte porque faz parte da nossa memória social, e as alterações realizadas pelo sujeito produtor que resultaram nos textos referidos anteriormente.”

Fig. 7 – Relato do quarto dia da criação

“A luz do dia varreu para longe as nuvens de poeira, deixando o céu translúcido. As luzes que Deus havia concebido na explosão agora pendiam das alturas, visíveis e expectantes”.

Fonte: Young (2015, p. 135).

Podemos perceber, mais uma vez, a partir da palavra “explosão”, dentro do contexto da narrativa literária, que o autor faz novamente uma alusão à teoria científica do surgimento do universo: o Big Bang. No livro do Gênesis (1;14-15), por outro lado, temos a referência ao luzeiro, que vai ao encontro das luzes na descrição do quarto dia da criação: “14Deus disse: ‘Que existam luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite e para marcar festas, dias e anos; 15 e sirvam de luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra’. E assim se fez”.

Fig. 8 – Relato do quinto dia da criação

“O oceano fervilhava. Criaturas com barbatanas, guelras e esguichos surgiam, enquanto assassinos marinhos colossais buscavam sua próxima refeição. A terra recebeu trepadeiras e vegetação rasteira e as nuvens ganharam belas companhias aladas. Tudo se juntou ao Criador na construção do mundo à medida que a noite se transfigurava em manhã; e isso foi Bom”.

Fonte: Young (2015, p. 135).

Buscando estabelecer uma relação intertextual, no livro de Gênesis (Gn 1;20) tem-se: “20Deus disse: ‘Que as águas fiquem cheias de seres vivos e os pássaros voem sobre a terra, sob o firmamento do céu”’. Podemos observar aqui a intertextualidade por captação, sobre a qual Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 31) explicam que, quando se trata de captação no aspecto de paráfrase quase fiel ao texto fonte, a recuperação do texto original não é tão exigida para a compreensão do atual, “embora, é claro, tal recuperação venha incrementar a possibilidade de construção de sentidos mais adequados ao projeto de dizer do produtor do texto”.

Fig. 9 – Relato do sexto dia da criação: o nascimento de Adão

“O Homem Eterno também se ajoelhou e começou a juntar um monte de terra avermelhada com as mãos, como uma criança brincando na areia. Ele revolveia a terra com concentração e alegria. Então, Ele se sentou e cercou o monte com as pernas. Uma brisa suave subiu, agitou seus cabelos e o ajudou a moldar o tesouro. Ele e o Vento trabalhavam com cautela, como se esivessem tentando garantir que nenhuma partícula se perdesse. [...] Subitamente, uma água vermelho-sangue começou a brotar de dentro do monte de terra, como a força da esperança que crescia no coração de Lilly. Entre lágrimas e risadas, Ele enterrou as mãos na mistura sagrada com um grito que fez Lilly se levantar. O parto estava chegando ao fim. Então, com um urro profundo, Adonai ergueu sobre a cabeça o bebê recém-nascido”. [...] “A cena mudou rapidamente enquanto Lilly observava o beijo e o sopro de Deus transformarem a criança em uma alma viva”. [...] – Esta é a alegria do Meu coração, a coroação de toda a Criação [...] Eles serão chamados de Adão.

Fonte: Young (2015, p. 135-138).

Estabelecendo uma relação intertextual com a Bíblia Sagrada, podemos ler no Gênesis (Gn 2;7): “7Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente”. Para a terra avermelhada ou argila, pode-se encontrar esses elementos em diversos mitos de origens, como no mito da criação dos macedônicos, o mais famoso denominado “Eridu”, no qual se lê: “com a carne e sangue deste deus, que Nintu misture a argila a fim de que deus mesmo e o homem se encontrem mergulhados na argila, que nos tempos futuros, nós ouçamos o tamburim [...] que ele revele o homem por este sinal” (TAVARES, 1978, p. 45).

Interessante perceber que o autor, em suas obras anteriores, também aborda personagens/situações semelhantes ao livro *Eva*. No livro *A Cabana*, há um trecho em que o autor, a partir de um diálogo entre Jesus e a personagem Mackenzie, falam a respeito do Espírito Santo, “o sopro da vida” na história personificada por uma mulher chamada Sarayu. A palavra “sopro” é encontrada, assim, no livro *Eva* (2015), na Bíblia Sagrada no livro do Gênesis e no livro *A Cabana* (2008); todas elas relacionadas a um contexto de vida.

- Por falar em Sarayu, ela é o Espírito Santo?
- É. É a criatividade, é Ação, é o Sopro da Vida. E é muito mais. Ela é *o meu* Espírito.
- E o nome dela, Sarayu?
- É um nome simples de uma de nossas línguas humanas. Significa ‘Vento’ [...]. (YOUNG, 2008, p. 101).

Também no livro *A Cabana*, encontramos um trecho semelhante à expressão “Esta é a alegria do Meu coração, a coroação de toda a Criação”, citado na figura 9, no qual podemos observar de alguma forma a presença do fenômeno da intertextualidade, partindo do livro *A Cabana* para o livro *Eva*: “Só porque fazem escolhas horrendas e destrutivas, isso não significa que mereçam menos respeito pelo que são por essência: **o auge da minha Criação e o centro do meu afeto**” (YOUNG, 2008, p. 178, grifos nossos). Podemos considerar, portanto, que essas passagens podem ser caracterizadas como “intertextualidade temática”, visto que pertencem a uma “mesma corrente de pensamento” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 18).

Quanto ao fato de William Paul Young utilizar as construções “uma água vermelho-sangue” e “O parto estava chegando ao fim”, faz-se alusão a religiosidades pagãs antigas, as quais cultuavam a mãe terra, a “deusa mãe”, e dentre outros aspectos a cor vermelha, tanto no sentido da coloração da terra, como do “sangue menstrual e ao poder de dar a vida”. De fato:

As mais recentes descobertas de uma religião humana remontam, inicialmente, ao culto aos mortos (300 000 a.C.) e ao intenso culto da cor vermelha ou ocre associado ao sangue menstrual e ao poder de dar a vida. Na mitologia grega, a chamada mãe de todos os deuses, a deusa Reia (ou Cibele, entre os romanos), exprime este culto na própria etimologia: reia significa terra ou fluxo.[7] O acadêmico Joseph Campbell argumenta que Adão — do hebraico אָדָם relacionado tanto a adamá ou solo vermelho ou do barro vermelho, quanto a adom ou vermelho, e dam, sangue — foi criado a partir do barro vermelho ou argila. (DEUSA-MÃE, 2021, online).

Em relação à intertextualidade tanto por captação como por subversão, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 32) afirmam que “a ‘descoberta’ do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido”. No entanto, a nosso ver, no caso em análise, mesmo que o leitor não descubra a rememore ou desconheça as religiões antigas e o culto à deusa-mãe, os sentidos para o leitor não deixarão de ser produzidos, visto que ele sabe que se trata de uma ficção; além disso, nem todo leitor têm conhecimento sobre as especificidades de uma religião ancestral, por exemplo.

Quanto ao nascimento da personagem Eva, no livro *Eva*, William P. Young faz uma abordagem diferente da “tradicional”, como podemos ler a seguir:

Fig. 10 – O nascimento de Eva

*“Lilly testemunhou Adonai colocar Adão em um sono profundo sobre uma cama de asas celestiais. Um dossel de ramos entrelaçados o protegia enquanto ele permanecia deitado, protegido por um exército de Anjos. O tempo passou. Dias tornaram-se meses. A barriga de Adão cresceu, dilatada por uma gestação. E então o tempo parou.
Em nove meses, Deus transformou o lado feminino da humanidade – a mulher adormecida dentro de Adão – em uma criatura extraordinária e poderosa, mas tão frágil e inconsequente quanto a fonte da qual foi retirada”.*

Fonte: Young (2015, p. 146).

No livro *A Cabana* (YOUNG, 2008, p. 135), o autor traz a seguinte abordagem, referindo-se à Eva: “Ao tirá-la de dentro dele, de certa forma ele deu à luz. Criamos um círculo de relacionamento como o nosso, mas para os humanos. Ela *saindo* dele e agora todos os homens, inclusive eu, nascidos dela, e tudo se originando ou nascendo de Deus”. Na Bíblia Sagrada, por sua vez, em Gênesis (Gn 2, 21-23), lemos:

1Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. 22Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. 23Então o homem exclamou: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!

No tocante às passagens “mulher adormecida dentro de Adão” (livro *Eva*) e “Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” (Gn 2;23), essas considerações, para alguns autores, remetem à androginia, no intuito de explicar que Adão foi, ao mesmo tempo, feminino e masculino, ou seja um ser andrógino. Parece, portanto, que o autor, em seus livros citados na análise do trecho acima, fez uma espécie de alusão à temática da androginia. Sicuteri (1990), citado por Raimundo (2020), diz que:

[...] É a passagem mais densa de mistério, pois introduz o conceito da androginia no indivíduo segundo o supremo princípio da harmonia total do Uno que é feito de Dois; mas é também conceito que consente em perpetuar na terra — mediante a multiplicação da espécie na união do macho com a fêmea — a imagem de Deus, pois o homem lhe é semelhante. Adão trazia em si, fundidos, o princípio masculino e o princípio feminino e tais princípios só depois foram separados sucessivamente [...]. (SICUTERI, 1990 *apud* RAIMUNDO, 2020, p. 45).

Ainda no sentido da androginia, a alusão à temática em debate pode ter sido intencional ou apenas coincidência. Nobre (2014) explica a questão da intertextualidade “in abstrato”, na qual o fenômeno aparece, mas não necessariamente com a intenção do produtor. Esse mesmo autor diz também que: “tais elementos de intersecção são apenas coincidentes, uma vez que, embora passíveis de infinitas combinações, os signos que compõem o paradigma do código verbal são finitos, portanto muitas coincidências dessa natureza podem acontecer [...]” (NOBRE, 2014, p. 24).

4.2 Análise interdiscursiva em *Eva*

Nesta etapa, realizamos as análises de cunho interdiscursivo, relacionando discursos presentes em *Eva* (YOUNG, 2015) a outros discursos com os quais o autor dialoga. É válido reiterar que, para o fenômeno da interdiscursividade, foi feita uma análise a partir de trechos dos seguintes capítulos: capítulo 3 (“Lilly e a serpente”), capítulo 4 (“Segredos”), capítulo 5 (“O jardim de Deus”) e capítulo 10 (“A descida”).

Antes de tudo, é preciso dizer que *Eva* (YOUNG, 2015), como um livro de ficção, se situa no âmbito do discurso literário, isto é, aquele em que a função-autor faz uso da palavra de forma artística, sem um compromisso com a realidade factual, uma vez que o terreno da arte é uma particularidade dos usos da linguagem. O discurso literário constrói realidades e é constituído por elas. A propósito, Orlandi (2009, p. 75) diz que “O autor é considerado como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como fulcro de sua coerência”.

Percebemos, ao realizar as análises referentes à interdiscursividade em *Eva* que parece haver alusão a determinados discursos/temas que estão presentes na sociedade, a partir de um desenvolvimento sócio-histórico e em determinadas condições de produção, seja no âmbito religioso, cotidiano, cultural, científico, dentre outros.

4.2.1 Influência da hegemonia branca em relação à construção imagética do que é considerado divino, condicionado à cor branca e à pele clara

Fig 11 – Eva, a Mãe dos vivos

*“No mesmo instante, ela se deu conta de outra coisa.
– E você é minha mãe? Como pode ser? Você é...
– Negra? – Eva deu uma risada tão límpida que Lilly não pôde deixar de fazer o mesmo, embora ainda estivesse totalmente perplexa.
– Ainda não sei quem você é. Como se chama?
– Eva.
– Você é a Eva? De Adão e Eva?
– Sim, minha filha. Sou Eva, a Mãe dos Vivos. [...]”*

Fonte: Young (2015, p.28).

Interessante que no livro *A Cabana* (YOUNG, 2008), o autor também traz essa reflexão acerca dessa influência do branco hegemônico direcionado ao símbolo de perfeição, como se pode notar na passagem a seguir.

Fig. 12 – Trecho do livro *A Cabana* (2008)

“Já que eram três, talvez aquilo fosse uma espécie de Trindade. Mas duas mulheres e um homem? E nenhum deles era branco? Mas por que ele havia presumido que Deus seria branco?”

Fonte: Young (2008, p.77).

4.2.2 Discurso religioso/cristão/bíblico no que diz respeito ao homem ser criado à imagem e semelhança de Deus

Fig. 13 – O homem como imagem e semelhança de Deus

“– O seu sopro confere ao pó um novo sentido, Adonai? Essa criatura pode ter sido criada à sua imagem e semelhança, mas seres assim são frágeis, fracos e... incoerentes. Se é o Senhor quem define as condições, por que escolher revelar-se através da fraqueza? Por que depositar sua esperança e sua vida em uma simples porção de matéria?”

Fonte: Young (2015, p. 41).

Na sequência discursiva acima, percebemos a inferioridade do homem, que está assujeitado e se assujeita enquanto criatura “moldada” por Deus (Criador); para o Cristianismo, Deus criou o homem para cuidar ou dominar uma grande parcela de sua criação, o que revela, de algum modo, uma certa utopia.

4.2.3 Discurso do patriarcado/mulher considerada culpada pela “queda” do homem

Fig. 14 – Mulher como culpada

“– Quero dizer, eu conheço a história. Aprendi quando era criança. Deus criou o mundo perfeito, criou o homem, criou a mulher... e então a mulher estragou tudo. – Lilly hesitou. – Bem, você deve saber disso melhor do que ninguém.
As faíscas douradas nos olhos de Eva tremeluziram.
– Disso o quê?
– Hã, como todo mundo tem culpado as mulheres desde então. Deus parece estar bem irritado também, pelo menos na minha experiência.
– E que experiência seria essa?”

Fonte: Young (2015, p.30).

Ao mesmo tempo em que adeptos de diferentes religiões – dentre elas o Cristianismo – pregam o amor e uma mensagem positiva em relação ao propósito de Deus para a humanidade, muitos sujeitos, desde a antiguidade, distorcem a mensagem para atender, dentre outros aspectos preconceituosos e soberbos, ao seu próprio ego patriarcal, conforme se comprova a partir da ideia de inferiorização da “mulher que estragou tudo”. A propósito disso, a jornalista Vanessa Barcello, em sua matéria intitulada “O machismo e as representações femininas no cristianismo”, diz que:

Se você parar pra pensar aposto que conhece algumas Evas que são ofuscadas pelo homem e que são extremamente marginalizadas por um único erro que cometeram. Tenho certeza que conhece algumas Marias, que tiveram suas vidas resumida à maternidade e que se não fosse isso seriam consideradas invisíveis. Certamente conhece algumas Madalenas que mesmo sendo mulheres fortes, sábias e cheia de qualidades, foram difamadas, diminuídas e muitas vezes vistas como insignificantes (BARCELLOS, 2020, online).

Concordamos com a visão da autora, que faz uma reflexão sobre o papel da mulher, mostrando como os discursos ainda são machistas e distantes de uma pretensa igualdade de gênero, não só em sua perspectiva histórica, mas também atual.

4.2.4 Miticidade/veracidade em relação à narrativa da Criação e suas personagens enquanto perspectiva religiosa

Fig. 15 – Só uma história

“– A filha de Eva? – Ela levou um susto. Será que John sabia de suas visões? –
Você está falando de Eva, de Adão e Eva? Isso é só uma história. Um mito.
– Lilly, mitos e lendas são produtos da imaginação; o fato de algo ser considerado ‘uma história’ não significa que não seja verdade.”

Fonte: Young (2015, p. 52).

Segundo Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 48), “O discurso é a objetividade feita subjetividade, através de um pôr social feito de

linguagem”. No trecho acima, foi possível perceber algumas reflexões a respeito das questões de objetividade e subjetividade e, nesse sentido, o discurso funciona como algo objetivo formado por subjetividades através da linguagem, em que o indivíduo em seu lugar social e de fala atribui aspectos objetivo ou subjetivo a partir de suas crenças, ideologias etc.

Mesmo que a consideração acima seja considerada como “a marca da originalidade de Marx”, segundo os autores citados acima, é possível trazê-la para a abordagem interdiscursiva do trecho em questão. O ser humano está sempre em busca de entender a realidade, procurando explicar/significar fatos/ acontecimentos que são intrínsecos à sua existência, procurando de alguma forma objetivá-las segundo suas ideologias e opiniões. No entanto, essa busca pela objetividade está de algum modo atrelada à subjetividade, visto que, e citando como exemplo a temática do criacionismo e suas especificidades, a mesma não é aceita em suas diversas abordagens como forma de uma verdade absoluta por todos os indivíduos.

4.2.5 Discurso religioso x discurso científico

Fig.16 – Saber/acreditar

“– Lilly, você sabe que Deus criou tudo o que existe, não sabe?
 – Só nestes sonhos. Na vida real, quando não estou tendo alucinações, não acredito em nada disso. Só acredito que tudo veio do nada.
 – Não perguntei no que você acredita. Perguntei o que você sabe.”

Fonte: Young (2015, p.33).

Florêncio, Magalhães, Silva Sobrinho e Cavalcante (2009, p. 69) dizem que “Ele (o sujeito) busca respostas, a partir de seu lugar social, assumindo posições ideológicas que, em suas práticas sociais de relação de classe, produzem sentidos”. No contexto social, onde há inúmeros conflitos de classes e ideias/percepções, o sujeito, a partir de seu lugar discursivo e ideológico irá posicionar-se diante dos questionamentos/situações sobre as quais poderá se deparar, podendo manter-se em suas convicções ou mudando seu ponto de vista. Na sequência discursiva em tela, o diálogo entre as personagens revela uma tensão entre o discurso religioso (“você sabe que Deus criou tudo”) e o discurso científico (“tudo veio do nada”, remetendo ao Big Bang).

4.2.6 Discurso religioso fundamentado na fé

Fig. 17 – Questionamento de Lilly à Eva

“[...] – Não era isso que estava perguntando, mas... – Lilly parou a frase no meio. Quando voltou a falar, sua voz, que não passava de um sussurro, fraquejou ainda mais. – Por que... por que Deus não me protegeu?”

Eva deixou que a pergunta pairasse no ar. Aquela mesma pergunta era feita por um bilhão de outras vozes, em sepulturas, mesquitas, igrejas, escritórios, celas de prisão e becos escuros. Atrás dela, um rastro de fé abalada e corações destruídos. Aquela pergunta clamava por justiça e implorava por milagres que nunca vieram.

Fonte: Young (2015, p.119).

O trecho acima exemplifica de alguma forma o que Orlandi (2009, p. 31) aborda como a relação entre memória e discurso, e ao mesmo tempo a questão do interdiscurso:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. (ORLANDI, 2009, p. 31).

A frase “Por que... por que Deus não me protegeu?”, na fig. 17, pode ser falada de forma independente, mas de certa forma o sentido é o mesmo em determinada situação ao longo da história da humanidade, como se descrevesse a sensação do abandono de Deus, e nesse sentido está a questão da memória discursiva. E o trecho “Aquela mesma pergunta era feita por um bilhão de outras vozes” pode ser considerado como um exemplo daquilo do que é falado antes, em outro lugar.

Pudemos perceber que, a partir das análises de trechos do livro *Eva* relacionados aos fenômenos da intertextualidade e da interdiscursividade, há a presença de ambos os fenômenos no texto literário, e que embora com abordagens distintas, cada qual relacionado a seu campo de estudo, estão presentes em uma única narrativa, mostrando que é possível utilizar-se de abordagens distintas para a “criação” de algo novo, pois na obra o autor utilizou “elementos textuais e discursivos para construir uma unidade textual” (OLIVEIRA, 2021, p. 21), contribuindo assim para a construção de sentidos da obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa sobre as manifestações da intertextualidade e interdiscursividade no livro *Eva*, de William Paul Young foi possível observar e compreender a presença da intertextualidade e interdiscursividade na escrita da obra, na qual a intertextualidade se deu a partir de diversos textos /assuntos que o autor possivelmente utilizou para embasar e trazer novas abordagens, podendo esses textos/assuntos serem percebidos pelo leitor, auxiliando assim na construção

de sentidos, primeiramente pelo escritor a partir da elaboração da obra e intencionalidade, seguindo do leitor, a partir da leitura da mesma. Em relação à interdiscursividade, a presença foi percebida também a partir de alguns trechos do livro, nos quais perceberam-se discursos voltados a questões raciais, veracidade em relação ao tema do criacionismo, dentre outros, sendo esses discursos materializados no livro. Nos livros anteriores a *Eva*, *A Cabana* (2008) e *A Travessia* (2012), William Paul Young também faz abordagens parecidas, mas em contextos diferentes, tanto em nível de intertexto como de interdiscurso.

O livro *Eva* pode ser entendido, de certa forma, como um protesto, pois ao trazer as personagens Eva e Adão negros, o autor nos oferece uma reflexão acerca da hegemonia branca que influencia as percepções sobre a relação entre o branco e o divino, o branco como sinônimo de beleza ao longo do tempo, bem como também uma reflexão acerca da visão machista que muitas religiões possuem em relação à mulher, inferiorizando-a e culpando-a de certa forma pelos erros (pecados) cometidos pelos indivíduos, a partir de um discurso bíblico contextualizado em parte na época em que as histórias foram escritas. Essa “culpabilidade” é uma consequência a partir da aceitação da mulher (Eva) que, ao comer do fruto da “árvore do conhecimento” e em seguida oferecê-la ao homem (Adão), levou muitos a entenderem que a mesma foi a primeira a cometer o pecado e incitar o homem a também o fazê-lo; mas, sabemos que, segundo a narrativa bíblica, os dois igualmente desobedeceram a Deus, sendo esse o primeiro pecado, ou o conhecido pecado original.

Com os estudos teóricos que embasaram a presente pesquisa e as análises realizadas no livro *Eva*, entendemos que a interação é algo constante e presente entre o autor e leitor, pois esses sujeitos executam diversas ações, no quesito da comunicação em si, da seleção de temas (autor), construção de sentidos, e nesses processos estão inseridos os fenômenos da intertextualidade e interdiscursividade. No caso do livro utilizado como objeto de análise no presente artigo, mesmo que ambas as teorias possuam territórios distintos (Linguística textual e Análise de discurso), podem ser utilizadas, respeitando suas especificidades, na análise de textos e discursos, e, nesse caso, de obras literárias. Portanto, a relação entre intertexto e interdiscurso lança um olhar mais amplo para fenômenos que estão ao mesmo tempo dentro do texto, bem como em seu exterior.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- AZEVEDO, V. V. O. K. A charge: intertextualidade e interdiscursividade presentes em sua construção. **Ao pé da letra**. Recife, v. 19, n. 2, p. 1-13. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/peda letra/article/download/236044/28786>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- BARCELLOS, V. **O machismo e as representações femininas no cristianismo**. Telas por elas: lugar de mulher é na cultura, 2020. Disponível em: <https://www.telasporelas.com/post/tabur%C3%B3loga-as-representa%C3%A7%C3%B5es-femininas-no-cristianismo>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- BÍBLIA. Português. Gênesis. **Bíblia Sagrada** - Edição Pastoral (capa Cristal). Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. 78ª impressão. Editora: Paulus, 2011.
- CÉSAR, J. **Do início de tudo com o Big Bang até os dias atuais: passando pela criação da Via-Láctea, a criação do sistema solar e a evolução da vida na terra**. Física e cidadania, 2013. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://www.ufjf.br/fisicaecidadania/conteudo/big-bang/#:~:text=O%20Big%20Bang%20%C3%A9%20uma,pequeno%2C%20quente%20e%20extremamente%20denso>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- DEUSA-MÃE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Deusa-m%C3%A3e&oldid=61071486>>. Acesso em: 3 maio 2021.
- DIAS, J. **Tessituras Multimidiáticas: linguagens, tecnologias e sexualidades**. 2017.179f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós – graduação em Educação, Departamento de Educação, Universidade Federal de Lavras, Lavras 2017. Disponível em: < <http://www.ded.ufla.br/tessituras/os-fios-condutores/intertextualidadeinterdiscursividade-e-o-dialogo-entre-textosdiscursos/>> Acesso em 04 de Nov. de 2021.
- FERREIRA, M. C. L. **Glossário de Termos do Discurso: AD. Análise do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001.
- FLORÊNCIO, A. M. G.; MAGALHÃES, B.; SILVA SOBRINHO, H. F. S.; CAVALCANTE, M. S. A. O. **Análise do Discurso: fundamentos e prática**. Maceió: EDUFAL, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E.; LAGAZI-RODRIGUES, S. (orgs). **Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2009b.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- KOCH, I. V. **O texto e a construção de sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009a.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- NOBRE, K. C. **Crítérios classificatórios para processos intertextuais.** Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.
- OLIVEIRA, D. S. Do (inter)texto ao (inter)discurso: uma análise do livro didático de português como hipertexto impresso. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 04-23, 2021. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Artigo_01.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PONTES, A. I. **A “influência” do mito babilônico da criação, Enuma Elish, em Gênesis 1,1-2,4a.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/886>. Acesso em: 25 maio 2021.
- PROENÇA, P. S. Intertextualidade e interdiscursividade em “Na arca: três contos inéditos do gênesis”, de Machado de Assis. **Estudos Semióticos**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 37-44. novembro de 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49245/53327>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- RAIMUNDO, J. B. **O sombrio e o luminoso em Lilith: uma análise da face psicorreligiosa do eterno divino feminino em Caim, romance de José Saramago.** Monografia (Licenciatura em Letras), Universidade Federal da Paraíba UFPB - Campus I, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17586/1/JBR20032020.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortes, 2007.
- TAVARES, A. A. A criação do homem nos mitos das origens. **Didaskalia: Revista da Faculdade de Teologia/Lisboa**. v. 8, n. 1, 1978, p. 35-53. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/issue/view/65>. Acesso em: 25 maio 2021.
- TEIXEIRA, M. M. **Teoria das cordas.** s.d. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/fisica/teoria-das-cordas.htm>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- YOUNG, W. P. **A Cabana.** Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
- YOUNG, W. P. **A Travessia.** Tradução de Fabiano Moraes. São Paulo: Arqueiro, 2012.
- YOUNG, W. P. **Eva.** Tradução de Fabiano Moraes. São Paulo: Arqueiro, 2015.